

Enid Blyton

AS GÊMEAS

O sexto ano
no Colégio
de Santa Clara

OPICINA
DO LIVRO

1. DE VOLTA A SANTA CLARA

A Patrícia e a Isabel O'Sullivan atravessaram placidamente a plataforma da estação, como convinha às duas delegadas das alunas do Colégio de Santa Clara. Quando as viram passar, umas quantas alunas do segundo ano, que estavam em amena cavaqueira, calaram-se no mesmo instante e olharam-nas com profunda admiração.

— Parecem simpáticas. Quem são? — sussurrou uma aluna nova.

— As gémeas O'Sullivan, as nossas delegadas das alunas. E são mesmo muito simpáticas.

As gémeas ouviram o comentário e trocaram um sorriso cúmplice.

— Já pensaste bem, Patrícia? Somos as delegadas de Santa Clara! — suspirou a Isabel. — Ainda estou à espera de acordar e ser tudo um sonho.

— E é, é um sonho tornado realidade — respondeu-lhe a Patrícia, feliz. — A mãe e o pai ficaram quase tão contentes como nós, quando souberam.

— E orgulhosos — riu-se a Isabel. — Acho que a mãe telefonou à família inteira. Por pouco não pôs um anúncio no jornal!

— Desculpem... — ceceou alguém atrás delas. — Podem ajudar-me?

As gémeas voltaram-se e deram de caras com uma menina tão pequenina que, apesar de usar a farda do colégio, parecia nova demais até para o primeiro ano. A Patrícia e a Isabel acharam-na encantadora: tinha cabelo louro aos caracóis, uma boca em forma de botão de rosa e uns enormes olhos azuis que se arregalaram de espanto quando ela viu as caras idênticas das gémeas.

— Fica tranquila — sorriu-lhe a Isabel. — Não estás a ver a dobrar. Eu sou a Isabel O'Sullivan, e esta é a Patrícia, a minha irmã gémea. Somos as delegadas das alunas. Como é que te chamas?

— Matilde Lacey — respondeu a rapariga. — Perdi-me do resto da minha turma.

— Vem connosco — disse a Isabel, pondo-lhe o braço por cima do ombro. — Geralmente o primeiro ano não é difícil de encontrar. Basta seguir a algazarra!

De facto, na plataforma de onde saía o comboio para Santa Clara, o que parecia ser uma multidão de raparigas cumprimentava-se alegremente e despedia-se dos pais, por entre uma barulheira infernal.

— Patrícia! Isabel! Estamos aqui! — chamou a Alice, a prima das gémeas, aproximando-se com a Ilda Wentworth.

— Olá, gémeas! Que bom ver-vos outra vez! — cumprimentou a Ilda, sorrindo à aluna mais nova. — Já vi que encontraram uma ovelha tresmalhada. A professora Roberts anda a tentar juntar as alunas do primeiro ano para as meter no comboio. A Joana e a Tó estão a ajudá-la: parecem dois cães pastores a conduzir o rebanho!

— Vamos dar-lhes uma mãozinha — propôs a Alice, aconchegando o pesado sobretudo. — Não vejo a hora de entrarmos no comboio. Pelo menos lá dentro deve estar mais quentinho.

Era um dia de janeiro especialmente gelado, e a maioria das alunas já subira para o comboio, para fugir ao frio.

— Matilde! — ralhou a professora Roberts, a diretora de turma do primeiro ano, quando viu a rapariguita. — Pensava que já estavas no comboio.

— E estava, mas voltei a sair.

— Então torna a entrar e fica lá dentro sossegada! — ordenou a professora Roberts. E, virando-se para as gémeas, comentou: — Parece que ainda ontem eram duas miúdas traquinas do primeiro ano que me davam água pela barba e agora aqui estão vocês: delegadas das alunas de Santa Clara! Muitos parabéns! Acho que a diretora Theobald fez uma ótima escolha.

— Obrigada, professora — agradeceu a Patrícia, corada até à raiz dos cabelos. — Prometemos dar o nosso melhor!

— Estou certa de que o farão — disse a professora Roberts. — Lúcia! Onde é que vais? Essa é a carruagem do terceiro ano, a nossa é esta.

— Cheira-me que a professora Roberts vai ter um período puxado com estas miúdas — riu-se a Ilda.

— Olhem, a Tó e a Joana vêm aí com mais umas quantas!

— Olá! — saudaram as duas raparigas, conduzindo as alunas mais novas até à carruagem. — Será que nós também éramos assim desmioladas quando entrámos para o colégio?

— Provavelmente — admitiu a Isabel. — Embora custe a acreditar. Matilde! O que é que estás a fazer cá fora? A professora Roberts esfola-te viva!

Sem ninguém dar por isso, a Matilde Lacey conseguiu escapar-se outra vez do comboio.

— Lembrei-me de ir comprar chocolate para comer na viagem — explicou, com a maior das descontrações.

— Devias ter pensado nisso antes — disse-lhe a Patrícia. — O comboio vai partir a qualquer momento. Ó Tó, não te importas de levar esta para a carruagem? E mantém-na debaixo de olho, por favor!

— Que miúda amorosa — comentou a Alice. — Parece um anjinho!

A Tó Ellis não estava tão certa disso: conhecia de ginjeira o brilhoso travesso que vira no olhar da Matilde — não era muito diferente do seu naquela idade —

e algo lhe dizia que aquela miudita tinha mais de diabrete do que de anjinho!

Quando finalmente conseguiram que todas as alunas do primeiro ano entrassem para o comboio, as gémeas encaminharam-se para a sua carruagem, onde foram recebidas com grande alvoroço:

— Patrícia! Isabel! Que tal foi o Natal?

— Olá, gémeas, já tinha saudades vossas!

— É melhor portarmo-nos bem, agora que as delegadas apareceram!

— Olá, Dora! Olá, Carlota! É a Graça que está ali no canto?

As raparigas arranjaram lugar para as gémeas e para as restantes colegas que tinham acabado de entrar, entre elas a Tó e a Joana.

— Ufa! Aquelas miúdas do primeiro ano são uma carga de trabalhos! — queixou-se a Joana, deixando-se cair no assento ao lado da Patrícia. — A professora Roberts não vai fazer outra coisa senão andar atrás delas para as manter na ordem.

— Quem é aquela? — perguntou a Dora, olhando pela janela. — Deve ser nova.

Todas se encavalitaram para espreitar: era uma rapariga alta e atraente, de longos cabelos ruivos encaracolados, que conversava com um senhor na plataforma. Parecia muito contrariada!

— Calculo que seja o pai — opinou a Graça. — Têm o cabelo exatamente da mesma cor.

— Bom, uma coisa é certa, ela não está nada bem-disposta — acrescentou a Ilda, vendo-a franzir o sobrolho ao que o pai acabara de dizer.

O senhor ainda lhe pousou gentilmente a mão no braço, mas a rapariga sacudiu-a com rispidez e subiu para a carruagem de nariz empinado. Foi mesmo a tempo, porque logo em seguida o guarda apitou e o comboio seguiu viagem.

— Uau! Que feitiozinho! — exclamou a Alice. — Ela parece ter mais ou menos a nossa idade. Esperemos que não seja do sexto ano.

— Não digas isso: se calhar até nos divertíamos às custas dela — brincou a Tó. — Sabem se há alunas novas na nossa turma?

— No fim do período passado, a diretora Theobald disse que estavam a contar com duas — lembrou a Patrícia. — E a Priscila Parsons vai continuar no sexto ano, porque ainda é demasiado nova para sair.

Ouviu-se um resmungo coletivo.

— Só podes estar a brincar! — protestou a Ilda. — Nenhuma das colegas dela a suportava!

— Não admira: é rancorosa, snobe e intrometida! E estas são as *qualidades*! — troçou a Joana, provocando uma gargalhada geral.

— Bom, se ela se armar em parva, aticamos-lhe a Carlota — sugeriu a Tó, com o seu sorriso maquiavélico. — Lembram-se da desanda que ela deu à Prudência, a *Língua Azeda*, quando andávamos no primeiro ano?

As outras escangalharam-se a rir: todas se recordavam de como a Carlota era intempestiva nos primeiros tempos que passara em Santa Clara, mas a Patrícia notou que a amiga nem um sorriso esboçara — parecia tensa, e os seus olhos castanhos, habitualmente risonhos, quase chispavam.

— O que é que tens? — perguntou-lhe, preocupada. — Estás assim porque não te apetece voltar ao colégio ou são saudades do Natal?

Mal as outras se aperceberam de que a colega não estava bem, pararam de conversar e esqueceram as alunas novas: se a Carlota tinha realmente algum problema, era muito mais importante ouvi-la e tentar ajudá-la!

— Nem uma coisa nem outra — sorriu a Carlota, enternecida com a preocupação das amigas. — Estou numa embrulhada e acho que ninguém me consegue ajudar.

— O assunto parece sério! — exclamou a Dora, alarmada.

— E é — confirmou a Carlota. — O meu pai meteu na cabeça, ou melhor, a minha avó *meteu-lhe* na cabeça que eu tenho de ir para uma escola de etiqueta cheia de nove horas quando sair de Santa Clara.

— Não podes! — gritou a Tó, horrorizada. — Eu, tu, a Joana e as gémeas combinámos ir juntas para a Universidade!

— E era o que eu *queria* — suspirou a Carlota. — Mas, em vez disso, vou ser obrigada a aprender elocução, postura e a cozinhar *cordón bleu*, ou, no meu caso, *cordón blharc*!

— Não estás a falar a sério, pois não? — espantou-se a Patrícia, incapaz de imaginar a Carlota, terra-a-terra como era, a sobreviver num sítio daqueles. — A escola de etiqueta vai dar cabo de ti!

— E é a mim que me dizes? — respondeu a Carlota, com uma gargalhada amarga. — Mas a minha avó decidiu que eu tenho de aprender a «arte de saber estar», como ela lhe chama.

— Pelo amor da santa! — desdenhou a Dora. — Não quero ofender a tua avó, mas há coisas bem mais importantes do que aprender a andar como uma modelo e outras parvoíces do género.

— Exatamente! — apoiou a Ilda.

A Carlota já não era a rapariga rebelde, irrefletida e irascível que entrara para Santa Clara depois de muitos anos passados no circo. Contudo, nem o tempo no colégio tinha conseguido domar a sua frontalidade e espontaneidade, características que, na opinião das colegas, a tornavam especial — seria horrível se uma escola de etiqueta qualquer destruísse isso!

— Mas o que é que deu ao teu pai para concordar com tal coisa? — perguntou a Alice.

— Ele acha que a minha avó sabe sempre o que é melhor no que toca a «assuntos femininos» — explicou a Carlota, impaciente. — Por favor, salvem-me, meninas! O que é que eu vou fazer?

Era muito difícil para as alunas do sexto ano verem a amiga tão desesperada.

— Não te preocupes — sossegou-a a Patrícia. — De certeza que vamos arranjar uma solução.

— Pois vamos — interveio a tímida Graça. — Podemos fazer um abaixo-assinado e enviá-lo ao teu pai.

— Ou então dizemos-lhe que a porcaria da escola de etiqueta ardeu — acrescentou a Tó.

— E, se nada disto resultar, raptamos-te e levamos-te para a Faculdade connosco — sugeriu a Joana.

— Melhor do que isso! Raptamos a *tua avó* — disse a Dora, com um ar muito sério.

— Idiotas! — brincou a Carlota, rindo-se com vontade pela primeira vez desde que soubera da notícia. — Parece impossível, mas até conseguiram animar-me, com tantos disparates.

— Ainda bem — alegrou-se a Patrícia. — Não te enerves, temos o ano inteiro para pensar num plano.

Nisto, alguém abriu a porta da carruagem...

— Oh! — exclamou a Matilde Lacey, olhando para elas, atarantada.

— Deixa-me adivinhar, perdeste-te outra vez? — perguntou-lhe a Isabel.

A Matilde confirmou com um aceno de cabeça.

— Fui à casa de banho e, quando tentei voltar para a minha carruagem, não a encontrei em lado nenhum — suspirou. — Não estou habituada a andar sozinha. A ideia era a minha irmã mais velha vir comigo para o colégio, mas apanhou varicela e teve de ficar mais duas semanas em casa.

— Que azar — lamentou a Ilda. — De qualquer maneira, já é altura de aprenderes a desvenencilhar-te sozinha. A tua irmã mais velha não vai querer tomar conta de ti como se fosses um bebé. Anda daí! É melhor levar-te para a carruagem do primeiro ano antes que a professora Roberts se convença de que saltaste do comboio e puxe o travão de emergência.

— Afinal aquela rapariga antipática não veio para a nossa carruagem — observou a Joana, quando a Ilda saiu. — Se calhar é do quinto ano.

— Elas são impecáveis — comentou a Patrícia. — De certeza que a ajudam a integrar-se. Não sei se sabiam, mas a Penélope Boardman ficou no quinto e foi nomeada delegada de turma.

— Vou ter saudades dela, apesar de ser tão calada — confessou a Isabel.

— Eu também — admitiu a Dora. — Era a minha parceira de sala de estudo. Não sei como é que vai ser agora.

— Bom, uma de nós lá terá de aturar as tuas manias — brincou a Alice, levando uma cotovelada bem-humorada da Dora.

— A Paula não costuma vir de comboio? — perguntou a Graça.

— Ah!, não ouviram a novidade? Ela já não volta — informou a Tó. — Resolveu tirar um curso de secretariado para tentar arranjar emprego.

— E a Felicidade também saiu — contou a Joana. — Precisa de descansar, antes de decidir o que vai fazer.

A Felicidade Ray era um prodígio do violino e fora colega delas no quinto ano, mas, de tanto estudar e ensaiar, ficara à beira de um esgotamento nervoso.

— Coitada! — compadeceu-se a Patrícia. — E coitada da Alma Pudden, também. Está quase a ser operada por causa daquele problema hormonal e, por isso, fica em casa este período.

Na verdade, nenhuma delas sentiria falta da gorducha Alma, mas, ao mesmo tempo, tinham pena dela, porque agora sabiam que a indolência e as estranhas flutuações de humor da colega se deviam a um problema de saúde.

— Adivinhem quem é que eu acabei de ver no corredor, debulhada em lágrimas — disse a Ilda, quando regressou. — Aquela rapariga ruiva que estava na plataforma a discutir com o pai.

— Já não tem idade para ter saudades ao ponto de chorar — desdenhou a Joana.

— Não me pareceu que fossem saudades — opinou a Ilda, com um ar pensativo. — Deu-me a impressão de que estava zangada e amargurada, como se tivesse o mundo inteiro contra ela. Ainda lhe perguntei se podia ajudar, mas a rapariga quase me comeu viva.

— O que lhe terá acontecido? — perguntou-se a Tó. Ninguém deu palpites.

— Afinal, sempre pode ser da nossa turma — concluiu a Carlota. — Quem é que ainda falta?

— A Claudina, a Ana Maria, a Ângela e a Miranda — enumerou a Dora. — Sei que a Claudina e a Antonieta

chegavam ontem de França, e as outras devem ter ido de carro para o colégio.

— A Ângela vai sozinha... e a conduzir — revelou a Alice. — Os pais ofereceram-lhe um carro desportivo amoroso no Natal. O pai não ficou muito satisfeito, mas sabem que quando a Ângela e a mãe encasquetam uma...

— Até me admira que não tenha recebido também um motorista de presente — alfinetou a Carlota, com um sorriso retorcido.

A Alice corou, mas não disse nada: apesar de continuar a achar a Ângela lindíssima, já conseguia ver os defeitos da melhor amiga e reconhecia que a Carlota tinha razões de sobra para maldizer uma rapariga que sempre a desprezara.

«A minha prima está muito menos vaidosa e fútil do que quando entrou para o colégio», pensou a Patrícia, observando a Alice. «É bem mais fácil gostar dela assim.»

— A Ângela e a Miranda passaram para o sexto ano? — perguntou a Ilda. — Elas tiveram negativas baixíssimas nos exames.

— A Miranda, pelo menos, passou — disse a Graça, que estivera com a amiga nas férias. — Mas precisa de repetir os exames. O pai ficou muito desiludido e deu-lhe um valente sermão. Ela fartou-se de estudar nas férias e durante o período vai ter aulas extra e horas de estudo individual para se preparar melhor.

— A Ângela também — contou a Alice. — Vai custar-lhes imenso terem de se matar a estudar, sobretudo

porque o resto da turma pode aproveitar este período para descontraír um bocadinho.

— Pois é — concordou a Ilda. — Eu sei que a culpa é delas, mas, ainda assim, tenho pena.

